

Telejornalismo e (re)construção de identidades: a oportunidade do aniversário da cidade¹

Gilze BARA²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

A passagem do aniversário de uma cidade é uma oportunidade para o telejornalismo exercer seu poder de influenciar na construção – ou reconstrução – das identidades do município. É isso o que este artigo pretende debater, tendo como estudo de caso o Jornal da Alterosa Edição Regional (TV Alterosa/SBT) exibido no dia 30 de maio de 2009, véspera do aniversário de 159 anos de Juiz de Fora (MG), cidade-sede da emissora na Zona da Mata mineira. Para isso, o artigo parte de pressupostos gerais sobre processos de identificação e mídia e específicos sobre televisão e identidades.

Palavras-chave: televisão; identidades; telejornalismo; memória.

1 Introdução

Ao mesmo tempo em que provoca uma homogeneidade cultural que pode ocasionar um distanciamento da identidade em relação à comunidade e à cultura local, a globalização reinante nas sociedades contemporâneas também pode levar ao fortalecimento e à reafirmação de identidades nacionais e locais. É neste último sentido que este artigo avalia o papel do telejornalismo local, a partir da análise de uma edição do Jornal da Alterosa Edição Regional (TV Alterosa/SBT) exibido no dia 30 de maio de 2009, véspera do aniversário de 159 anos da cidade de Juiz de Fora (MG). As representações adotadas pelo telejornal para promover a identificação do público com o município utilizam artifícios específicos, com o intuito de (re)construir as identidades da cidade e, conseqüentemente, de sua população. Para fazer esta análise, são debatidos temas como identidades, memória e televisão.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna especial do Programa de Pós Graduação em Comunicação (Mestrado) da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) e Professora de Jornalismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (MG).

2 Identidades

As transformações globais causam mudanças nos padrões de produção e consumo e, desta forma, produzem identidades novas e globalizadas. Daí as chamadas crises de identidade, características das sociedades contemporâneas. A globalização provoca

diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade. (WOODWARD, 2005)

As crises de identidade estão inseridas num processo mais amplo de mudanças, que desloca as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e abala a ancoragem estável dos indivíduos no mundo social. As velhas identidades estão em declínio, e novas identidades estão surgindo, fragmentando o indivíduo moderno. As transformações na sociedade ocasionam mudanças nas identidades pessoais, na idéia que cada um tem de si próprio como sujeito integrado. Stuart Hall (2000) nomeia esta “perda de um ‘sentido de si’ estável” de deslocamento ou descentração do sujeito.

Hall (2000) distingue três concepções diferentes de identidade. O sujeito do Iluminismo era um indivíduo totalmente centrado e unificado. Seu núcleo interior emergia quando o sujeito nascia e permanecia o mesmo (na essência) por toda a sua existência. O sujeito sociológico tinha o núcleo interior formado na relação com o outro, caracterizando uma concepção interativa da identidade e do eu. “A identidade (...) preenche o espaço entre (...) o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2000), estabiliza os sujeitos e os mundos culturais por ele habitados, contribui para que os sentimentos subjetivos sejam alinhados aos lugares objetivos ocupados pelo indivíduo no mundo social e cultural.

Já a terceira concepção de identidade descrita por Hall (2000) é o sujeito pós-moderno. Antes tido como possuidor de uma identidade unificada e estável, o sujeito estaria se fragmentando, a partir do momento em que é composto não de uma, mas de várias identidades, formadas e transformadas continuamente. O sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos – inclusive identidades contraditórias, não unificadas em torno de um eu coerente. Além disso, com as mudanças estruturais e

institucionais, tais identidades estariam entrando em colapso, o que faz com que o processo de identificação torne-se mais provisório, variável e problemático. É justamente este processo que produz o sujeito pós-moderno, sem identidade fixa, essencial ou permanente.

O sujeito moderno metamorfoseia-se em múltiplos, promovendo um deslocamento da identidade essencialista que se ancora em conceitos tradicionais como o pertencimento territorial, por exemplo. O sujeito moderno é

amparado pelo ambiente urbano, hiperestimulante e com um alargamento da consciência objetiva, hábitat das multidões e do anonimato, a percepção de que seria possível experimentar múltiplas vivências em termos identitários, sem necessariamente manter a ancoragem nos laços tradicionais. (ENNE, 2006)

Para Tomaz Tadeu da Silva (2005),

a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2005)

A identidade não é o oposto da diferença. A identidade depende da diferença, uma vez que é marcada por ela. E a diferença, por sua vez, é estabelecida por uma “*marcação simbólica* relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2005). Tomaz Tadeu da Silva (2005) afirma que “em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é (...). A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe”. Identidade e diferença têm uma relação de dependência. Quando se afirma uma identidade, se nega outras identidades e se nega diferenças. “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2005).

As sociedades modernas são caracterizadas por mudanças constantes, rápidas e permanentes. Anthony Giddens afirma que as sociedades modernas estão sujeitas a “ondas de transformação social” (GIDDENS *apud* HALL, 2000). E entre as principais

transformações que caracterizam as sociedades modernas estão as do tempo e do espaço.

Homi Bhabha (2001) defende que vivemos nas fronteiras do presente, num “momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”. Segundo ele, em momentos de transformação histórica, emergem hibridismos culturais, que ganham autoridade a partir da complexa negociação da articulação social da diferença. O reconhecimento outorgado pela tradição é uma forma parcial de identificação. “Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição ‘recebida’” (BHABHA, 2001).

No mundo moderno, uma das principais fontes de identidade cultural são as culturas nacionais. O local onde nascemos não está nos nossos genes, mas pensamos nele como se fizesse parte da nossa natureza essencial. Roger Scruton e Ernest Gellner defendem que “sem um sentimento de identificação nacional o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva” (SCRUTON e GELLNER *apud* HALL, 2000). Para Hall (2000), as identidades nacionais “são formadas e transformadas no interior da *representação*”. Uma nação, assim, é um sistema de representação cultural, uma comunidade simbólica.

Benedict Anderson afirma que a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”, argumentando que as diferenças entre as nações estão nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas (ANDERSON *apud* HALL, 2000). No mundo pós-moderno, as comunidades imaginadas são contestadas e reconstituídas. Kathryn Woodward (2005) concorda que a diferença entre as diversas identidades nacionais está nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas. “A identidade nacional é inteiramente dependente da idéia que fazemos dela” (WOODWARD, 2005). E mesmo que o passado reconstruído seja apenas imaginado, ele proporciona uma certeza no meio do reinante clima de mudança e fluidez (WOODWARD, 2005). Muitas vezes, as nações voltam ao passado para seguir rumo ao futuro. Da mesma forma, as cidades.

O apelo aos mitos fundadores, para Silva (2005), é uma tentativa de fixação de identidades. Tais mitos fundadores criam laços imaginários e unem os componentes daquela comunidade imaginada.

Um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heróico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura ‘providencial’, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. Pouco importa se os fatos assim narrados são ‘verdadeiros’ ou não; o que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia. (SILVA, 2005)

Ainda que as identidades nacionais permaneçam fortes, as identidades locais, regionais e comunitárias têm ganhado mais importância. É que, “colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações ‘globais’ começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar as identidades nacionais” (HALL, 2000). Para alguns teóricos culturais, a interdependência global está promovendo um colapso nas identidades culturais fortes, sendo responsável pela fragmentação dos códigos culturais, o que Hall chama de “pós-moderno global”. De acordo com ele, os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global criam possibilidades de identidades partilhadas. E “à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 2000). Hall afirma que “quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global (...), pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições (...)” (HALL, 2000).

O autor aponta como contratendência da homogeneização cultural o fato de que, ao lado da tendência em direção à homogeneização global, existe uma fascinação pela diferença e pela mercantilização da etnia e da alteridade – junto ao impacto do global, há um novo interesse pelo local. “A globalização (...), na verdade, explora a diferenciação local”, promovendo uma “nova articulação entre o global e o local” (HALL, 2000). Ou seja, a globalização não destrói as identidades nacionais, mas produz novas articulações globais e locais.

3 Memória, cidade e identidades

A memória tem uma dimensão estratégica e um papel próprio na construção de identidades. Enquanto teóricos da pós-modernidade enfatizam a perda da memória e da

referencialidade histórica como uma das marcas da atualidade, reflexões mais recentes das ciências sociais dão conta de um *boom* da memória. Eles afirmam que a contemporaneidade é marcada, sim, “por uma dilatação do campo do memorável, com uma multiplicação de práticas voltadas para o passado” (RIBEIRO e BARBOSA, 2005). A chamada cultura da memória prega que nada pode ser destruído e que tudo ser armazenado, arquivado.

Conforme o historiador francês Pierre Nora, a “obsessão pela memória e pelo arquivamento está relacionada à amplitude das mudanças do mundo que nos cerca – a chamada ‘aceleração da história’” (NORA *apud* RIBEIRO e BARBOSA, 2005). A necessidade de se criar “santuários de memória” viria justamente deste fenômeno da aceleração, que deixa o tempo presente cada vez mais volátil e tem como consequência imediata a perda das características particulares do homem. A valorização do futuro cria a ilusão da preservação do passado, o que multiplica os lugares de memória, signos de reconhecimento e de pertencimento de um grupo a uma sociedade.

Os meios de comunicação não funcionam apenas como lugares de memória, mas como lugares de memória do mundo, uma vez que estão entre os principais articuladores de experiências sociais, contribuindo, assim, para a afirmação e a emergência de suas próprias identidades e das identidades dos outros (RIBEIRO e BARBOSA, 2005). Os meios de comunicação de massa ocupam um lugar privilegiado como formadores e armazenadores da memória social, sendo, assim,

construtores e/ou legitimadores de *lugares de memória* (...). Mais precisamente: seriam eles, se não os *lugares de memória* (dadas as interpretações mais restritas do conceito), com certeza espaços privilegiados no arquivamento e produção da memória contemporânea. Assim, não há como não assinalar, nas sociedades contemporâneas, a intrínseca relação entre os discursos midiáticos e a produção da memória. (ENNE, 2004)

Sobre a forma como o trabalho jornalístico pode ser pensado como enquadramento de memória, Marialva Barbosa afirma que

o jornalista, ao selecionar fatos, relegar outros ao esquecimento, escolher a forma de sua narrativa e ao definir o lugar na página a ser ocupado pelo texto, dirigindo um olhar subjetivo sobre o acontecimento, mantém como essencial nesse trabalho a dialética lembrar e esquecer. (BARBOSA *apud* ENNE, 2004)

A mídia desempenha papel fundamental na construção das identidades sociais, forjadas a partir dos discursos sociais. E como são múltiplas as apropriações dos discursos, também são múltiplos os processos de identificação.

As memórias são narrativas sociais, práticas discursivas (...). São tecidas nas arenas de disputas por saber e poder, são objeto de razão e paixão, são fronteiras móveis que servem ao presente, quando reelaboram o passado, mas também ao futuro, quando projetam o devir. Nesse jogo, os agentes ligados aos processos midiáticos exercem um papel fundamental, pela forte penetração de seus discursos e pela configuração de um senso comum avalizado pela categoria sancionada da objetividade. (ENNE, 2004)

Os discursos veiculados nos meios de comunicação registram as transformações e os dramas da cidade. Irllys Alencar F. Bárreira considera o imaginário sobre as cidades um “rico caminho analítico para se pensar o modo como as circunstâncias históricas viabilizam projeções de sociabilidade urbana, sendo o passado ou o futuro as fontes de referência por onde se constroem o ‘paraíso perdido’ ou a visão da ‘nova sociedade’” (BÁRREIRA, 2003). As imagens das cidades induzem à instituição de suas vocações. Daí a força dos processos de recuperação de locais e tradições marcantes da história dos municípios. “Recuperar o passado não é, entretanto, repetir o tempo, mas reinventá-lo” (BÁRREIRA, 2003), e os equipamentos urbanos recuperados ganham novas funções sociais ou políticas. “A própria idéia de patrimônio significa a tentativa de ‘contar’ o passado, adaptando-o à nova linguagem do presente” (BÁRREIRA, 2003). O discurso da preservação é imbuído de características nostálgicas muitas vezes presentes nas falas dos habitantes da cidade (aquilo que a cidade já foi, mas não é mais) e faz do passado um momento de felicidade perdida. “A história dos princípios (onde tudo começou) (...) torna a narração um eterno retorno ou reminiscência de um passado que não se cruza com o atual cotidiano” (BÁRREIRA, 2003).

O conceito de cidade é moldado por significações imaginárias. O passado inventado pode acionar um tempo mítico, uma harmonia perdida ou uma relação com a natureza. “O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo” (HEWINSON *apud* BÁRREIRA, 2003).

4 Televisão e identidades

A sensação de deslocamento vivida pelo indivíduo no mundo contemporâneo recebe a contribuição das redes de comunicação. Taiga Corrêa Gomes (2006) destaca que “as fronteiras se dissolvem, a globalização desloca as identidades nacionais. O sujeito está se tornando fragmentado, assume identidades diferentes em diferentes momentos. Identidades cada vez mais partilhadas”. E a necessidade de compreender o mundo globalizado e de ter acesso ao maior número possível de informações é preenchida pelo jornalismo, sobretudo pela televisão. “O real, traduzido pelas imagens, se materializa na tela que faz parte do nosso cotidiano. O telejornal satisfaz a angústia diária produzida pela necessidade de pertencer ao mundo, em um momento em que ele nos parece tão fragmentado” (GOMES, 2006).

Se a mídia insere o indivíduo no espaço público, influenciando o sentimento de pertencimento, a mediação é ainda mais efetiva quando as notícias se referem ao local em que as pessoas vivem. O telejornal, portanto, exerce o papel de mediador entre o telespectador e a cidade, entre a vida privada e a esfera pública. “No momento em que a globalização nos atinge com tanto impacto, a cidade, o bairro, podem ser o lugar em que o sujeito se reconhece” (GOMES, 2006). A cidade é geradora do sentimento de pertencimento local, a partir do momento em que faz parte da vida cotidiana do indivíduo. “Nela ele é sujeito, pertencente” (GOMES, 2006). A notícia a respeito da cidade provoca maior identificação do telejornal com o telespectador, por abordar assuntos ligados ao seu cotidiano. Segundo Taiga Corrêa Gomes (2006), “em tempos tão globais, quando temos a obrigação de estar permanentemente em contato com o mundo, a cidade se configura como um porto seguro, um lugar em que o nosso imaginário constrói um sentimento de pertencimento local”.

A regionalização de conteúdos da programação televisiva é abordada em relação à noção de comunidades imaginadas de Anderson,

tendo em vista que essas comunidades mantêm uma perspectiva de comunhão mesmo que os membros não se conheçam. Pressupõe-se que a produção televisiva cria condições para essa conexão imaginada, produzindo laços invisíveis entre os espectadores. A representação televisiva ao mesmo tempo dinamiza e consolida as identidades no interior das comunidades imaginadas. (STÜMER e SILVEIRA, 2006)

Stümer e Silveira (2006) partem do princípio de que a televisão é uma das – ou a – instâncias de consagração das identidades culturais e destacam o papel das representações midiáticas na fixação e na difusão da memória. Os recursos televisivos, de acordo com Rogério Leandro Lima da Silveira,

“permitem enlaçar representação e realidade com inédita instantaneidade, aprofundando sua própria concepção de espaço tempo. A dilatação da aderência televisiva teve a fortuna de chegar até o ponto de que o espectador já não distingue mais os limites entre o real e sua representação televisionada” (LIMA DA SILVEIRA *apud* STÜMER e SILVEIRA, 2006).

5 Estudo de caso

O Jornal da Alterosa Edição Regional é veiculado de segunda-feira a sábado pela TV Alterosa Zona da Mata e Vertentes, emissora afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). É o único produto jornalístico da emissora, que possui sede em Juiz de Fora (MG) e cujo sinal chega a outros 127 municípios da região. De segunda a sexta-feira, o telejornal é exibido a partir das 11h50, tendo, em média, 25 minutos brutos de duração. Nos sábados, a edição é menor (15 minutos brutos de duração) e começa às 12h15.

No domingo 31 de maio de 2009, a cidade de Juiz de Fora completou 155 anos. O município, chamado de Manchester Mineira devido ao passado “glorioso” do setor industrial, hoje tem uma economia marcada não só pela indústria, mas também pelo comércio e pelo setor de serviços, sendo um pólo estudantil – possui uma universidade federal e diversas faculdades particulares. Politicamente, Juiz de Fora vive um momento delicado. Em 2008, o então prefeito Carlos Alberto Bejani (PTB) renunciou ao cargo, depois de ser preso duas vezes pela Polícia Federal na Operação Pasárgada, que investigou um esquema de desvio de verbas do Fundo de Participação dos Municípios. Durante as investigações, foi divulgado um vídeo em que o então prefeito negociava propina com empresários do setor de transporte urbano. Esses acontecimentos provocaram, de forma geral, uma queda na auto-estima dos moradores da cidade.

Pois bem. Passemos a analisar o papel do Jornal da Alterosa Edição Regional do dia 30 de maio de 2009, véspera do aniversário da cidade, na apropriação, na

configuração e na consagração de identidades locais no município de Juiz de Fora, a partir da representação dessas identidades locais em seu conteúdo.

O telejornal foi ancorado do Parque Halfeld, principal praça do município, localizada na região central, considerada, juntamente com o Calçadão da Rua Halfeld, o coração da cidade (Halfeld é o sobrenome de um dos fundadores de Juiz de Fora). Logo na abertura do jornal, a edição foi denominada pela apresentadora como “especial”, por ser comemorativa aos 159 anos de Juiz de Fora. No texto de abertura, a apresentadora falou que iria “relembrar muitas coisas que aconteceram”, “voltar no tempo”. E que, para isso, contaria com o apoio do “seu” Augusto Costa, um aposentado. O personagem foi entrevistado ainda na abertura do telejornal e afirmou que muitas coisas aconteceram no Parque Halfeld e na cidade e deu parabéns para Juiz de Fora.

As sonoras do aposentado foram entremeadas por fotografias e imagens antigas e atuais da cidade, pontuadas com músicas instrumentais. Sobre a segurança pública, o entrevistado disse: “Era tudo sem essa violência que é hoje, uma coisa fantástica”. Ele lembrou também que o Parque Halfeld foi palco de inúmeras manifestações, inclusive políticas. E apontando a Câmara Municipal (que fica ao lado da praça), afirmou que “era uma coisa muito melhor do que é hoje, porque havia sinceridade nos candidatos”. Após esta fala, entraram imagens de arquivo da prisão do ex-prefeito Carlos Alberto Bejani.

A apresentadora perguntou ao aposentado sobre os antigos carnavais. Augusto Costa disse que “antigamente podia vir na Rua Halfeld brincar a noite toda. Bloco subia, bloco descia a Rua Halfeld. As famílias vinham e ficavam todas ali”. Ele também falou a respeito da Banda Daki, tradicional bloco que desfila nas manhãs dos sábados de carnaval pela principal avenida de Juiz de Fora, a Barão do Rio Branco. Segundo Augusto, “a Banda Daki resgata o carnaval de rua que existia antigamente”. Após isso, entrou um trecho de uma reportagem feita no carnaval de 2009, mostrando a volta do bloco Domésticas de Luxo, que havia se afastado da folia e que é composto exclusivamente de homens vestidos de mulheres – especificamente de empregadas domésticas. As lembranças dos antigos carnavais foram ilustradas por imagens de arquivo.

Em seguida, foram exibidos trechos de reportagens sobre o concurso Miss Brasil Gay, realizado há 32 anos na cidade. Foram mostradas imagens do concurso nos

anos de 2001 e 2008, destacando o glamour das candidatas e do evento. A âncora do telejornal indagou do aposentado a respeito da preservação ambiental. Ele respondeu que, antes, era possível ir “daqui a São Pedro por trilhas e hoje é uma verdadeira cidade de cimento. As árvores que trazem aquele frescor não existem mais. Eles preferem cortar as árvores e erguer uma selva de pedras”. Foram exibidos trechos de reportagens sobre corte de uma árvore centenária numa rua no centro da cidade, para a construção de um edifício, e de queimadas que destruíram partes de matas.

A apresentadora pediu para o entrevistado relembrar fatos que marcaram de forma dolorosa a vida da população de Juiz de Fora, apontando o caso de Santa Tereza, bairro onde uma movimentação de terra fez com que casas pertencentes a famílias de classe média fossem condenadas e derrubadas. A seguir, entrou trecho de VT sobre a reforma no parque do Museu Mariano Procópio, um dos pontos turísticos do município. Nesse momento, foi lido um poema de Manoel Bandeira, transcrito em uma placa instalada no parque do museu. O poema, chamado “Declaração de amor” e ilustrado com diversas imagens antigas e atuais da cidade, tem como versos:

Juiz de Fora! Juiz de Fora!
Guardo entre minhas recordações
Mais amoráveis, mais repousantes
Tuas manhãs!

Um fundo de chácara na Rua Direita
Coberto de trapuerabas.
Uma velha jaboticabeira cansada de doçura.
Tuas três horas da tarde...

Tuas noites de cinema namorisqueiro!
Teu lindo parque senhorial
Mais Segundo Reinado do que a própria Quinta da Boavista.
Teus bondes sem pressa dando voltas vadias!

Juiz de Fora! Juiz de Fora!
Tu tão dentro deste Brasil!
Tão docemente provinciana...
Primeiro sorriso de Minas Gerais!

Após o poema, Augusto Costa falou, novamente, “parabéns, Juiz de Fora”. A apresentadora agradeceu a participação do aposentado e afirmou que depois de mostrar “a cidade de ontem”, no próximo bloco seria mostrada “a cidade de hoje”.

No segundo bloco do jornal, uma das repórteres da emissora apareceu também ancorando o telejornal. Entraram imagens ao vivo da cidade e ela deu informações sobre a previsão do tempo. E emendou: “O tempo hoje está nublado, mas as perspectivas para o futuro da população de Juiz de Fora são as mais claras possíveis”. E entrevistou um cientista político, que avaliou a situação do município em várias áreas. Após a entrevista, a repórter agradeceu ao cientista político e afirmou que Juiz de Fora é uma cidade muito acolhedora. O VT exibido a seguir, feito pela mesma repórter, tinha como texto inicial: “Eu vim de fora, como o juiz que deu nome à cidade. Cheguei há dezoito anos, cheia de sonhos e projetos e me apaixonei pela Princesa de Minas. E não fui a única. A história da cidade foi escrita por muitos forasteiros”. O texto exaltou os fundadores da cidade, relembrando a história inicial do município:

“O alemão Halfeld veio de longe e recebeu do sogro a herança de terras e o desejo de fazer Juiz de Fora crescer. E fez a parte dele, construindo a estrada que deixou Minas Gerais mais perto da capital do Império. A paixão pela Princesa de Minas tem unido visitantes e filhos da terra. O pioneirismo marca essa história. Que o diga Bernardo Mascarenhas, o criador da primeira usina hidrelétrica da América Latina. Outro forasteiro que adotou e foi adotado é Itamar Franco. Ele declarou amor à cidade com obras para melhorar a infraestrutura e preparar terreno para o progresso que viria. Na presidência da República, tornou Juiz de Fora conhecida em todo o mundo. E a gente não pode esquecer daqueles anônimos, que a cada dia escrevem mais um pouco dessa história. Das crianças que se divertem sonhando com o futuro. Dos idosos que curtem a melhor idade com a confiança de quem ajudou a cidade a crescer. Dos ambientalistas que lutam para preservar as matas e os mananciais. E de todas as pessoas que sofreram vendo o nome da cidade ser manchado por denúncias de corrupção. Que viram aqueles que juraram proteger a Princesa de Minas trair essa confiança. Que reagiram. E cobraram justiça. Mais uma vez na história, os de fora se uniram aos de casa e protestaram em alto e bom som. A voz do povo foi mais forte e quem pisou na bola foi afastado. A decepção vai sendo deixada de lado aos poucos, e o juizforano volta a levantar a cabeça. Os personagens do dia-a-dia estão aqui, ali, em toda parte. Basta parar um pouquinho e prestar atenção. Tem gente que veio para cá cheia de sonhos. Não encontrou o que buscava, mas não desistiu de procurar a felicidade. E as Marias de Juiz de Fora? Mulheres fortes que fazem a diferença nas vidas de comunidades inteiras. Uma delas a gente vê todo dia, mesmo que não preste muita atenção. Os trabalhos manuais ajudam a passar o tempo, enquanto ela vê a história sendo escrita e canta a alegria de viver em Juiz de Fora”.

A Maria a qual o texto se referiu é uma ex-gari da cidade, conhecida como “Maria Doida”. Ela passa as manhãs e as tardes nas ruas do centro do município, fazendo crochê. Tão logo acabou o texto da reportagem, “Maria Doida” cantou, na

íntegra, o hino de Juiz de Fora (com erros em algumas partes da letra, inclusive trocando o “apelido” de Princesa de Minas por Princesa do Brasil). As imagens dela foram mescladas com imagens atuais e antigas da cidade.

6 Conclusão

A tentativa do telejornal de promover um processo de identificação com o público, na edição analisada, começa já na escolha do local de onde o telejornal foi ancorado: a praça considerada o coração da cidade, que foi palco e testemunha de muitos acontecimentos relacionados à história do município e que tem o nome de um de seus fundadores. As imagens antigas e atuais do território – a cidade – e da sociedade promovem um tipo de união entre o velho e o novo, evocando marcos fundadores e um “passado perdido” para compor o futuro – passado constantemente evocado como um tempo glorioso, em que não havia violência, nem a “selva de pedras”; quando havia sinceridade por parte dos políticos e os carnavais eram bons e tranquilos – tempo que merecia ser retomado, ainda que transformado, na esperança de ajudar na composição de um futuro melhor.

Para uma emissora de televisão que tem o discurso de ser popular, de falar a linguagem da comunidade, a escolha por uma fonte não oficial para lembrar acontecimentos importantes relacionados ao município foi ao encontro dessa narrativa. Um juizforano aposentado é o porta-voz da emissora para narrar histórias da cidade no primeiro bloco do telejornal. Da mesma forma, uma ex-gari encerra a edição especial, cantando o hino do município. Assim, a emissora busca identificação com seu público, formado, principalmente, por pessoas pertencentes às classes C, D e E.

No último VT, o texto faz referências ao passado triunfante dos fundadores da cidade, realizadores, pioneiros que fizeram a parte deles. E também ao povo que reagiu ao que não estava bom. Isso cultiva o sentimento de pertencimento dos telespectadores. Os apelos aos mitos fundadores da comunidade e às raízes da audiência buscam recuperar e reinventar tradições que ligam os indivíduos à sua cidade de origem. De acordo com Thompson,

a mídia fornece os meios de sustentar a continuidade cultural, apesar do deslocamento espacial, e de renovar a tradição em novos e diversos contextos através da apropriação das formas simbólicas mediadas. Por isso os meios de

comunicação desempenham um papel importante na manutenção e no renascimento da tradição. (THOMPSON *apud* STÜMER e SILVEIRA, 2006)

A mistura de vida privada e pública se faz presente no discurso da repórter, que dá seu testemunho como uma forasteira que veio morar em Juiz de Fora cheia de sonhos e aqui foi bem acolhida, passando a amar a cidade. À repórter, além de narrar uma história, cabe também ser parte dela – mais uma forma de promover um envolvimento e um processo de identificação com o público.

A TV utiliza-se de diversas representações sociais locais existentes, remetendo à constituição da identidade municipal. A cidade é considerada como um espaço narrado, imaginado e mesmo forjado. As representações midiáticas “atuam na fixação da memória para trazê-la a nossa presença através de suportes tecnológicos” (STÜMER e SILVEIRA, 2006). Assim,

‘a memória se subordina às representações’. Elas ‘tanto buscam substituir a presença na ausência como recuperar e instaurar uma ordem vinda do passado’. As representações atuam na atualização da memória, na atualização de conteúdos subtraídos do contexto original. (STÜMER e SILVEIRA, 2006)

O telejornal captura sua substância do cotidiano do povo e da cidade, “para devolvê-la depois aos seus receptores, envolvendo-os, cada vez mais, em uma comunidade de comunhão de valores, de sentimentos, imaginada” (STÜMER e SILVEIRA, 2006). E, ao mesmo tempo, mostra-se primordial na própria construção da história da cidade, uma vez que “tudo” o que era evocado da memória do aposentado estava nos arquivos de imagens da emissora – portanto, ela mesma exercendo o papel de testemunha da narrativa da memória juizforana.

Também a identidade da emissora foi trabalhada junto ao público através do noticiário. O povo da cidade ganha destaque e é caracterizado como trabalhador e vencedor. Assim, a emissora atribui singularidades positivas à sua audiência, buscando a fidelização da mesma. E destaca a relação de confiança que deve existir entre o público espectador e a TV, legítima representante do telespectador.

7 Referências

BÁRREIRA, Irllys Alencar F. **A cidade no fluxo do tempo: invenção do passado e patrimônio** in Sociologias. Porto Alegre, ano 5, nº 9, jan/jun 2003, p. 314-339.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

ENNE, Ana Lucia S.. **À perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas** in Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, vol. 3, nº 7, p. 11-29, jul. 2006.

ENNE, Ana Lucia S.. **Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional** in Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Vol. VI, nº 2, p. 101-116, jul/dez 2004.

GOMES, Taiga Corrêa. **A localidade no telejornalismo: um espaço de interação e pertencimento** in Intercom Sudeste 2006. Ribeirão Preto, maio 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** in SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e BARBOSA, Marialva. **Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional**. Artigo apresentado no II Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação – XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença** in SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

STÜMER, Adriana e SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **A casa da vovó na TV: a captura de uma identidade étnica e sua representação televisiva** in UNIrevista. Vol. 1, nº 3, jul. 2006.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual** in SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.